EUCARISTIA E COMUNHÃO SINODAL

Washington Luiz Sebastião Nunes[1]

Resumo

Este estudo tem o intuito de mostrar a Eucaristia como princípio de identidade eclesial. Esta comunicação se divide em dois momentos, marcando assim os passos metodológicos: apresentação do sentido eucarístico no entendimento do papa João Paulo II e a comunhão sinodal a partir do papa Francisco. Como resultado deste percurso, notamos a sua unidade e o transbordamento que ela oferece para a vida de todos os dias. Ela o ponto de chegada e de partida de todos aqueles que se deixam encontrar, é desse encontro que se estabelece uma experiência de amor que perpassa toda a existência.

Palavras-chave: Eucaristia. Igreja. Papa Francisco. Sinodalidade.

INTRODUÇÃO

A princípio, esta comunicação busca apresentar a reflexão teológica da Eucaristia, na encíclica *Ecclesia de Eucharistia,* do papa João Paulo II. Nessa ótica, far-se-á uma análise dos seus ecos no panorama da comunhão sinodal, tendo em vista as contribuições do papa Francisco frente aos desafios da Igreja hodiernamente. São claros os vínculos entre a encíclica e a proposta de sinodalidade, especialmente no tocante ao vislumbre de uma Igreja cada vez mais eucarística, de comunhão, de fraternidade. São perceptíveis na vida da Igreja, estes reflexos muito inerentes de alargamento da reflexão eucarística e o seu rastro a partir da comunhão sinodal, disposta nas alocuções do Magistério eclesial. Os ecos da reflexão do papa João Paulo II na do papa Francisco demostram sua beleza na vida dos fiéis que pela experiência de fé, acessam a Deus pela ação sacramental e na vida

[1] Estudante da graduação em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. E-mail: washington.2020110903@unicap.br

cotidiana podem testemunhar essa realidade que gera a comunhão.

Pretende-se fazer um convite a viver uma centralidade na Eucaristia, onde por meio dela, se vislumbre o mistério do Senhor, e que ela extinga as sombras, as quais impedem a comunhão, a fraternidade e o caminho. Como ponto centralizador, permite a cada fiel identificar-se a Cristo com limpidez. É através dela que se encontram as forças necessárias para se viver a sinodalidade, reconhecendo o seu fascínio na vida da Igreja.

1 A EUCARISTIA E A COMUNHÃO ECLESIAL NA PERSPECTIVA DO PAPA JOÃO PAULO II

A Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* do papa João Paulo II, escrita no 25º ano de seu pontificado, traz uma densidade teológica e litúrgica para a dimensão eucarística. Faz ainda, uma exposição muito acertada da concepção da Eucaristia e suas implicações eclesiais. O pontífice, neste escrito, estimula a Igreja a ter um "rosto eucarístico", ou seja, ser impelido, da profundidade com que nos lança o mistério eucarístico. Na homilia da missa «*In coena Domini*» em 2003, o papa João Paulo II, destacou:

> Que mistério grandioso, a Eucaristia! Mistério "incompreensível" para a mente humana, mas tão luminoso aos olhos da fé! A Mesa do Senhor na simplicidade dos símbolos eucarísticos o pão e o vinho partilhados revela-se também como *mesa da irmandade concreta*. A mensagem que provém dela é demasiado clara, e, portanto não é possível ignorá-la: todos os que participam na Celebração eucarística *não podem permanecer insensíveis* face às expectativas dos pobres e dos necessitados (JOÃO PAULO II, 2003).

A Eucaristia e a Comunhão Eclesial é o tema norteador do quarto capítulo, desta encíclica, nela se rememora o sínodo ocorrido em 1985. Pode parecer antigo, no entanto, as exortações são bastante atuais. As considerações e apontamentos são necessários e devem ser retomados sempre que preciso. A Igreja, enquanto peregrina na terra, tem a missão de realizar a comunhão entre a Trindade e os fiéis, pois, é através da Palavra e dos Sacramentos que se percebe esta comunhão. Por sua vez, a Eucaristia é o sacramento de unidade que nos aproxima mais eficazmente com Deus

Pai, pelo Filho, no Espírito Santo. É dessa reflexão e dessa comunhão permanente com a Trindade que se pode perceber a prática da comunhão espiritual, que pode existir entre o fiel e a Eucaristia.

No que lhe concerne, o sacramento traz em si o seu vínculo invisível e visível, nesta relação. Pode-se depreender a comunhão eclesial, como o sinal de onde a Igreja torna-se sacramento de Salvação. Lembremos aqui a narrativa bíblica da comunidade de Coríntios (cf. 1Cor 11,17-26.33), onde há uma má compreensão da Eucaristia, visto que, eles tinham dificuldade em assimilar a relação entre a dimensão eucarística e a comunidade dos cristãos. São apresentadas as implicações morais e éticas, pois, ao comungar do Senhor, o mesmo deve estar em paz consigo e com os outros, para uma melhor interação com este sacramento salutar.

A Eucaristia, em sua manifestação sacramental da comunhão, exige dos crentes, e da instituição em si, laços concretos de um mesmo caminho, isto é, a Eucaristia – Comunhão, não é um teatro ou um faz de conta, todavia, é algo muito profundo e dever ser um transbordar da vida cotidiana. É trazer para a dimensão ritual o que se vivencia com o batismo e, consequentemente, na Ordem sacerdotal. Só se faz comunhão quando se acredita no mistério do Redentor, que se fez alimento para saciar a fome de seu povo, de igual maneira, não pode ser oferecido este alimento a quem não vivencia a integridade da fé com que ele contém, uma vez que, este sacramento não concede quimeras.

Pois bem, a Eucaristia, está para além da ritualidade, da assembleia reunida em uma comunidade, em um contato mais próximo com Deus. Ela manifesta também o dom integral da Salvação, concebido pela Igreja que é Una, Santa, Católica e Apostólica. Dito isto, fica claro que, uma comunidade eucarística não está fechada em si mesmo, "ensimesmada", mas em relação com todas as outras comunidades católicas do mundo. Assim sendo, conforme a Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, "A comunhão eclesial da assembleia eucarística é comunhão com o próprio Bispo e com o Romano Pontífice. Com efeito, o Bispo é o princípio visível e o fundamento da unidade na sua Igreja particular" (2003, n. 39).

É muito interessante essa harmonia que há entre o Pontífice e a colegialidade episcopal, revelando o caráter mais profundo que transborda para a vida dos fiéis. Como sacramento da unidade, a Eucaristia, por si mesma, revela toda essa dinâmica, é tanto que o pão partilhado serve a todos sem distinção. Pois, de acordo com a encíclica (2003, n.p., n. 40): "a Eucaristia cria comunhão e educa para a comunhão". É uma forma pedagógica a celebração, onde, a cada semana, no dia por excelência, o Domingo, a comunidade de fé, se volta para o Senhor. Na missa dominical, a assembleia se reúne para se alimentar da mesa da Palavra e da Eucaristia, esse dinamismo vai além do preceito passado de geração em geração. Esta liturgia nos educa para a comunhão. Toda a Igreja, fiéis e pastores, têm o papel de formar comunhão, unidade íntima na mesa eucarística do Senhor.

Sendo assim, pela Eucaristia, a comunidade se robustece de força, para dar continuidade na missão de ser profética e de comunicar a mensagem da Boa Nova do Reino, no dia a dia, no hoje que se constrói e que é preciso ser apontado à luz que emana da Eucaristia para iluminar as trevas, que há na nossa sociedade. Partindo destes elementos, é possível dar um passo mais além, ou seja, a teologia refletida por João Paulo II é agora colocada em prática, a partir das exortações e do testemunho do papa Francisco, ao propor a Igreja um caminho de comunhão sinodal.

2 A EUCARISTIA COMO A COMUNHÃO SINODAL NO ENTENDIMENTO DO PAPA FRANCISCO

A comunhão sinodal é um elemento muito presente no pontificado de Francisco, pois, desde que assumiu a cátedra petrina, fez questão de evocar esse sentido mais forte, de um dinamismo pela comunhão. É evidente que esta força tem origem na eucaristia. Um passo mais consistente deste itinerário é o processo sinodal, no qual o pontífice convocou toda a Igreja a uma experiência de escuta e de reflexão, todos são chamados ao processo de sinodalidade, por uma Igreja sinodal: "Comunhão, Participação e Missão". Partindo de si mesma, a Igreja deve mostrar o seu rastro de luz que

origina do altar, do Pão da Vida.

O centro de toda essa reflexão é a ceia pascal, lugar do qual emana a vivência de um encontro com o mestre. Desse encontro, somos lançados em uma Igreja que busca ser *koinonia*, comunhão, comum unidade, comunidade. Que caminha com os irmãos em fraternidade, buscando uma verdadeira sinodalidade em vista de uma melhor compreensão do Evangelho e de retorno às práticas da Igreja primitiva. As palavras do Papa Francisco (2015) são propícias para justificar o que se deseja com essa experiência de comunhão sinodal:

> A Eucaristia impede que nos desagreguemos, porque é vínculo de comunhão, cumprimento da Aliança e sinal vivo do amor de Cristo, que se humilhou e se aniquilou para que nós permanecêssemos unidos. (FRANCISCO, 2015).

Partindo desse elemento base, a Páscoa do Senhor serve de iluminação para uma melhor consciência do que é a comunhão. Não é novidade esse desejo do papa ou da Igreja. Desde sempre, a Igreja foi à geradora da comum unidade, basta que olhemos para a Igreja nascente. No Novo Testamento, especialmente nos Atos dos Apóstolos, há inúmeras imagens que enriquecem essa compreensão da prática da comunhão sinodal. O elemento primordial deste decurso, é a escuta. Ela é capaz de mostrar os nossos pontos de encontro e desencontro. É por este caminho que redescobriremos o nosso sentido de ser Igreja e de sê-la no mundo. Francisco, em 2021, por ocasião do Angelus, reforça: "trata-se de ouvir a voz de Deus, colher a sua presença, interceptar a sua passagem e sopro de vida". E, por conseguinte, ouvir a voz de tantos homens e mulheres que fazem a Igreja, que se tornam comunhão pelo ministério ordenado e pela comunhão de todos os leigos e leigas que compõem a imagem diversa da Igreja, sacramento da unidade. O papa Francisco assegura: "Todos são protagonistas, ninguém pode ser considerado um mero figurante. Isto deve ser bem compreendido: todos são protagonistas" (2021).

A comunhão sinodal é realizada dentro de um cenário eclesial. Partindo dessa premissa, o papa Francisco ressalta:

> Igreja sinodal significa Igreja sacramento desta promessa — que o Espírito estará conosco — que se manifesta através do cultivo da intimidade com o Espírito e com o mundo vindouro. Haverá sempre debates, graças a Deus, mas as soluções devem ser procuradas dando a palavra a Deus e às suas vozes no meio de nós; orando e abrindo os olhos a tudo o que nos rodeia; praticando uma vida fiel ao Evangelho; questionando a Revelação segundo uma hermenêutica peregrina que sabe preservar o caminho iniciado nos Atos dos Apóstolos (FRANCISCO, 2021).

É um processo muito bonito, pois se percebe a unidade entre a Trindade santa e a humanidade. Nessa comunhão, relação, a nossa compreensão se alarga, a dimensão Eucarística é muito mais que uma relação intimista entre um indivíduo e o Senhor, é muito mais que um ritual abstrato. A Eucaristia nos insere dentro de uma comunhão estreita consigo, com os outros e com a Trindade. É o encontro que nos lança a uma implicação na existência, que não nos deixa na inércia, mas nos lança a um dinamismo e a uma experiência mais profunda de geradores de comunhão, o papa Francisco (2021) recorda: "caminhar juntos realiza a verdadeira comunhão". Pois, a comunhão sinodal acontecerá de fato a partir do momento que se reconheça as diferenças, e que elas não impeçam o agir do Espírito de Deus no dinamismo da Igreja. Francisco (2021) exorta:

> Deixai que todos entrem... Deixai-vos encontrar e deixai que vos interpelem, deixai que as suas perguntas sejam as vossas perguntas, caminhai juntos: o Espírito conduzir-vos-á, confiai no Espírito. Não tenhais medo de entrar em diálogo e deixai-vos perturbar pelo diálogo: é o diálogo da salvação. (FRANCISCO, 2021).

É claro que esta comunhão se realiza no processo da sinodalidade. Para isso, Francisco (2021) expõe: "Espírito Santo precisa de nós. Escutai-o escutando-vos. Não deixeis ninguém de fora ou para trás". É por esse caminho que terá mais sentido a Eucaristia que comungamos e dela somos lançados para a vida e para o compromisso de cristão. Um dos objetivos do documento preparatório do Sínodo (DOCUMENTO PREPARATÓRIO SÍNODO 2023, 2021), traz algo muito importante, a saber:

> Credenciar a comunidade cristã como sujeito credível e parceiro fiável em percursos de diálogo social, cura, reconciliação, inclusão e participação, reconstrução da democracia, promoção da fraternidade e da amizade social (DOCUMENTO PREPARATÓRIO SÍNODO 2023, 2021).

Como comunidade, devemos estar atentos a esses elementos, pois, a comunhão sinodal, está intimamente ligada com esses pontos elencados acima. Não se pode fazer uma experiência eucarística, esquecendo-se destes princípios norteadores da pessoa. É de suprimir que nesse plano de formação da sinodalidade na Igreja, tendo como norte a comunhão eucarística, algumas indagações devem estimular a reflexão:

> *A espiritualidade do caminhar juntos é chamada a tornar-se princípio educativo para a formação da pessoa humana e do cristão, das famílias e das comunidades*. Como formamos as pessoas, de maneira particular aquelas que desempenham funções de responsabilidade no seio da comunidade cristã, a fim de as tornar mais capazes de "caminhar juntas", de se ouvir mutuamente e de dialogar? Que formação oferecemos para o discernimento e o exercício da autoridade? Que instrumentos nos ajudam a interpretar as dinâmicas da cultura em que estamos inseridos e o seu impacto no nosso estilo de Igreja? (DOCUMENTO PREPARATÓRIO SÍNODO 2023, 2021).

É por esse caminho educativo que se compreenderá o cerne da comunhão sinodal, formando a consciência humana para uma prática mais humana e fraterna, em que a comunhão oferecida no sacramento salutar, seja uma constante na vida e na ação do indivíduo aonde quer que ele vá. É preciso uma unidade entre a espiritualidade e a vida prática. A vida cotidiana não deve achar-se dissociada da Eucaristia, é um trajeto que se faz junto. Esses questionamentos imprimem um caráter reflexivo, e deve ser orientador para que, o ser cristão, seja assumido com mais responsabilidade e compromisso. Tendo sempre presente, o que ressaltou o papa Francisco (2018) em uma de suas audiências gerais:

> Para receber a Comunhão, caminhamos rumo ao altar em procissão, mas na realidade é Cristo que vem ao nosso encontro para nos assimilar a si. Há um encontro com Jesus! Nutrir-se da Eucaristia significa deixar-se transformar naquilo

que recebemos (FRANCISCO, 2018).

O sentido da Eucaristia como comunhão sinodal é algo muito presente no pensamento de Francisco. A temática da sinodalidade, nesta grande assembleia da escuta, é um coroamento de toda a sua reflexão para a Igreja Católica no tocante a esse caminho que se faz pela *koinonia*. Percebe-se que a sacralidade do Senhor ao se fazer sacramento e ao penetrar o âmago do ser, leva consigo uma dimensão muito profunda deste transbordamento da ceia para tantas realidades da vida humana, especialmente as mais amargas e dolorosas. Nesse ínterim, o papa expõe algo muito sublime e vale a pena ser destacado na íntegra:

Cada vez que recebemos o Pão de vida, Jesus dá um novo sentido às nossas fragilidades. Recorda-nos que aos seus olhos somos mais preciosos do que pensamos. Diz-nos que se sente feliz quando partilhamos com Ele as nossas fragilidades. Repete-nos que a sua misericórdia não teme as nossas misérias. A misericórdia de Jesus não tem medo das nossas misérias. E acima de tudo, cura-nos amorosamente daquelas fragilidades que não podemos curar sozinhos. Quais fragilidades? Pensemos. A de nutrir ressentimento para com aqueles que nos fizeram mal, não a podemos curar sozinhos; a de nos distanciarmos dos outros e nos isolarmos em nós mesmos, não a podemos curar sozinhos; a de nos comiserarmos e de nos queixarmos sem encontrar a paz, também não a podemos curar sozinhos. É Ele que nos cura com a sua presença, com o seu Pão, com a Eucaristia. A Eucaristia é remédio eficaz contra estes fechamentos. Com efeito, o Pão da vida cura a rigidez, transformando-a em docilidade. A Eucaristia cura porque une a Jesus: faz-nos assimilar o seu modo de viver, a sua capacidade de se partir a si mesmo e de se entregar aos irmãos, de responder ao mal com o bem (FRANCISCO, 2021).

Desse modo, é nítido o poder que a Eucaristia tem de transformar a realidade presente, especialmente no tocante à comunhão, pois, é desta dimensão que deixamos de lado a nossa indiferença e individualismo e nos tornamos um único corpo, onde Cristo é a cabeça. Que a experiência de

comunhão sinodal, apontada pelo testemunho do papa Francisco, sirva de bálsamo, que cura as feridas da Igreja, no hoje da história. Auxilie também na caminhada de cada homem e mulher que ao fazer comunhão, sinta a ação de Deus em sua vida, e sejam testemunhas autênticas de pessoas eucarísticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, esta comunicação mostrou a beleza da Eucaristia no sentido da comunhão sinodal. Para tanto, buscou-se primariamente apresentar os ecos da reflexão da comunhão eclesial abordada pelo papa João Paulo II, na encíclica *Ecclesia* de *Eucharistia* e as suas conexões com a teologia do papa Francisco ao refletir a comunhão eucarística como sacramento da sinodalidade. Ela como princípio de unidade, deve ser sinal de que, o pão partilhado, ou seja, a Eucaristia é para todos. É o único alimento que nutre e fortalece a vida de todos que se aproximam da comunhão. É da mesma mesa, o altar, que é oferecido o pão que ilumina o mundo. Este alimento nutre pobres e ricos, alegres e tristes, doentes e sadios. É o alimento da igualdade, onde todos são Um, naquele que É para todos. Assim, que o fascínio da comunhão sinodal seja o elemento motor de nossa caminhada de fé, onde deixamos de lado as nossas diferenças e nos tornamos um só. Pois, a comunhão que Jesus faz conosco, nos lança a sermos como Ele, a traçarmos um único caminho n'Ele. Não é possível encontrar-se com o Cristo e ficarmos inertes, à margem, este encontro provoca a nossa realidade e nos lança para o compromisso com os irmãos, exige que sejamos geradores de caridade, fraternidade, justiça e paz.

REFERÊNCIAS

Documento preparatório Sínodo 2023. *Vatican News*. Disponível em: < https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-09/texto-lido-em-portugues.html>. Acesso em 02 de setembro de 2022.

FRANCISCO. *Angelus*. Vaticano, 06 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2021/documents/p

apa-francesco_angelus_20210606.html>. Acesso em 12 de setembro de 2022.

FRANCISCO. *Audiência Geral*. Vaticano, 21 de março de 2018. Não Paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2018/documents/papa-francesco_20180321_udienza-generale.html>. Acesso em: 10 de setembro de 2022.

FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos fiéis da diocese de Roma*. Vaticano, 18 de setembro de 2021. Não Paginado. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/september/documents/20210918-fedeli-diocesiroma.html>. Acesso em: 02 de setembro de 2022.

FRANCISCO. *Homilia da missa na Solenidade do Corpo e Sangue de Cristo*. Vaticano, 04 de junho de 2015. Não paginado. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150604_omelia-corpus-domini.html >. Acesso em: 13 de setembro de 2022.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia*. Vaticano, 17 de abril de 2003. Não Paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_20030417_eccl-de-euch.html>. Acesso em: 02 de setembro de 2022.

João Paulo II. *Santa Missa «In Coena Domini» da Quinta-feira Santa - Homilia Do Papa João Paulo II*. Vaticano, 17 de abril de 2003. Não paginado. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2003/documents/hf_jp-ii_hom_20030417_coena-domini.html>. Acesso em: 10 de setembro de 2022.